

Aula 3
(Pontos do Programa)

II. Os Documentos e a cultura de sua época

II.1 Da cultura escrita latina até os primeiros documentos em português

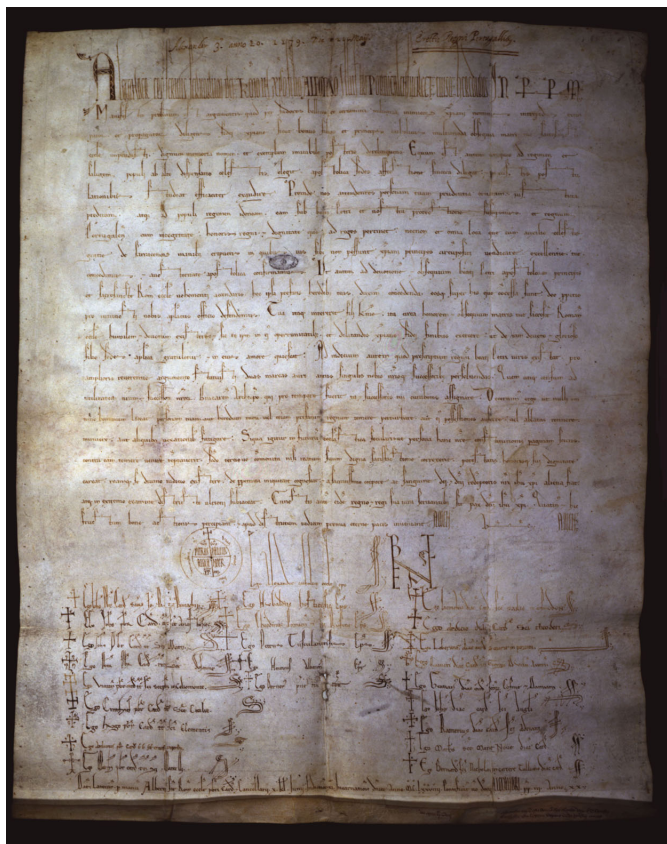
Bibliografia Específica

- 📖 CASTRO, Ivo. Introdução à História do Português. Lisboa: Edições Colibri, 2004. 2a ed, 2006. [Capítulo II: Origens do português no quadro românico.]
- 📖 HIGOUNET, Charles. História concisa da escrita. São Paulo: Parábola, 2003. [Capítulo IV A escrita latina até o século VIII] & [Capítulo V A escrita medieval]
- 📖 TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1997. [Capítulo 1: Do latim aos primeiros textos do galego-português.]

Bibliografia adicional

- 📖 Ilari, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992. Capítulos 3, 4 e 5 (pp41:71).
- 📖 Maurer Jr, Teodoro. *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1952.
- 📖 Silva Neto, Serafim. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

Epígrafe



"Sabemos por evidentes sucessos que como bom filho e príncipe católico tendes feito vários serviços à sacrossanta Igreja, vossa mãe, destruindo valorosamente os inimigos do nome cristão, dilatando a fé católica por muitos trabalhos de guerra e empresas militares [...] Por isso nós concedemos à tua excelência e autoridade, e confirmamos por autoridade o Reino de Portugal com a integridade das honras e a dignidade de Reino que aos reis pertence, e também todas as terras que, com auxílio da graça celeste, arreatares das mãos dos Sarracenos[...]."

Cit. por Frei António Brandão, em Crónica de D. Afonso Henriques (em português actual)

Manifestis Probatum

Bula papal, Alexandre III, 1179
Arquivo Nacional da Torre do Tombo
- [PT-TT-BUL/16/20](#)

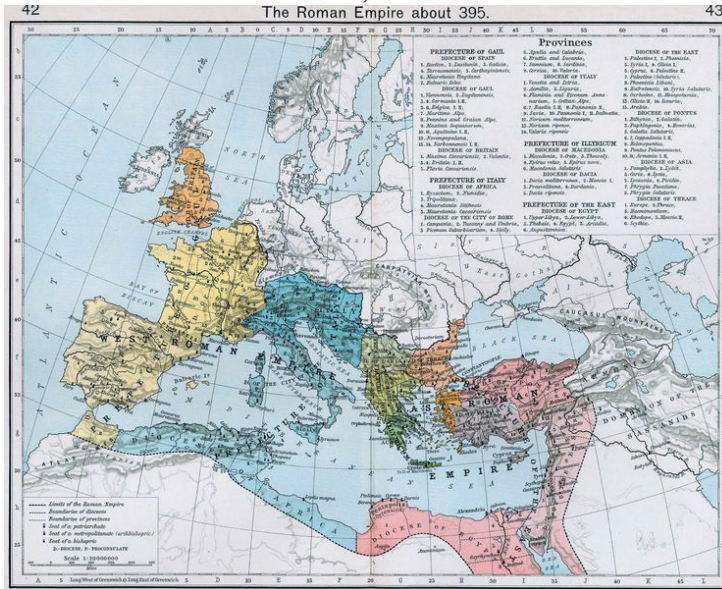
Transcrição, tradução e adaptação em
<http://dgarq.gov.pt/files/2011/08/Bula-Manifestis-Probatum.pdf>

I. Contexto da produção primitiva portuguesa

1. Noção de *Romania*

1.1 Os Domínios Romanos: Unidade, Diversidade

Panorama dos Domínios Romanos, séc. IV



Panorama das Línguas Românicas, séc 21



Proto-Romance							
Romance Ocidental							Romance Oriental
Romance Ibérico			Galo-romance		Ítalo-dalmácio		Romance Balcã
Occidental		Castelhano	Catalão	Ocitano	Norte		Sardo
Galego	Português				Francês	Reto-romance	
						Italiano	Dalmácio
							Romeno

1.2 Da Unidade e da Fragmentação dos Territórios Românicos

Situação Anterior às Conquistas: “Substratos” e Línguas de Cultura

Península Itálica e Ilhas:	Umbro, Osco Grego, Celta Etrusco, Lígure Fenício (Ilhas)	<i>Indo-Europeu (r. Itálico)</i> <i>Indo-Europeu (r. Ilírico)</i> <i>Não Indo-Europeias</i> <i>Semita</i>
Províncias Ocidentais ex. Ibéria:	Ibero Vascão Celtibero	<i>Não Indo-Europeu</i> <i>Não Indo-Europeu</i> <i>Indo-Europeu</i>
Províncias Orientais ex. Síria: ex. Egito:	[Grego: língua de cultura]	<i>(Semita)</i> <i>(Camita)</i>

Situação posterior ao Fim do Império

“De certo modo, a divisão política do Império Romano sob o imperador Constantino consagrou uma divisão que já estava completamente consolidada do ponto de vista cultural e lingüístico, ao separar um Estado de fala e cultura latinas e um Estado de fala e Cultura gregas”. (Ilari, 1992:48)

Fatores Importantes da Unidade: a “România”

Razões da manutenção do Latim na porção centro-ocidental do antigo império:

- 1) O Latim como Língua de Cultura
- 2) O Cristianismo como fator de união cultural
- 3) Os “Estados Bárbaros”: “Reinos Romanos”

“(…) o Império sobreviveu como um ideal de ordem política durante toda a Idade Média; a unidade lingüística e cultural dos territórios romanizados não impressionou menos os antigos, romanos ou bárbaros. Para denominar esta unidade lingüística e cultural, emprega-se o termo Romania [séc. V]”.

“Romania deriva de romanus, e este foi o termo a que naturalmente recorreram os povos latinizados, para distinguir-se das culturas bárbaras circunstantes: assim, os habitantes da Dácia, isolados entre os povos eslavos, autodenominaram-se români, e os réticos se autodenominaram romauntsch, para distinguir-se dos povos germânicos que os haviam empurrado contra a vertente norte dos Alpes suíços”.

“Sobre romanus formou-se o advérbio romanica, 'à maneira romana', 'segundo o costume romano', e a expressão romanice loqui se fixou para indicar as falas vulgares de origem latina, em oposição a barbarice loqui, que indicava as línguas não românicas dos bárbaros, e a latine loqui, que se aplicava ao latim culto da escola. Do advérbio romanice, derivou o substantivo romance, que na origem se aplicava a qualquer composição escrita em uma das línguas vulgares”. (Ilari, 1992:50)

cf. Duarte Nunes de Lião (1606) Origem da lingua portvgvesa.

Capítulo VI: A Língua que se hoje fala em Portugal donde teve origem, e porque se chama Romance (Biblioteca Nacional de Lisboa: <<http://purl.pt/50>> ; pp.28:33)

Fatores Importantes da “des-latinização” do restante do Império

Razões da não-manutenção do Latim em porções do antigo Império (cf. Ilari, 1992):

- 1). Romanização Superficial (Germânia, Britânia, Caledônia)
- 2) Superioridade Cultural dos Vencidos (Grécia, Mediterrâneo Oriental)
- 3) Superposição Maciça de Populações não-Românicas (África, Península Ibérica)

1.3 O “Latim Vulgar”

- Modalidade do Latim (Sócio-dialetal)?
- Estágio Histórico do Latim ?
- Reconstrução de etapa intermediária entre Latim-Romance ?
 “...a grande diferença entre as duas variedades do latim não é cronológica (o latim vulgar não sucede ao latim clássico), nem ligada à escrita, senão social. As duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriciado; de outro, uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos alienígenas, a partir do primitivo núcleo da plebe”. (Ilari, 1992:61)

Cronologia e Divisões Dialetais Principais

Adaptação do Quadro em Ilari, 1992:64

<i>latim arcaico</i> 500 ac-200ac		
<i>culto</i>		<i>popular</i>
<i>escrito</i>	<i>falado</i>	<i>falado</i>
<i>latim clássico</i> até sec 5 dc	<i>sermo urbanus</i> até sec 7 dc	“ <i>latim popular falado</i> ” até sec 7 dc
<i>latim medieval</i> até sec 16 dc		<i>proto-romance</i> desde sec 7 dc
		<i>línguas românicas</i> até sec 15 dc

Características Principais do “Latim Vulgar”

- **Simplificações Fonéticas** (\grafias\ versus [pronúncias]):

- \ae\, \oe\, \au\ > [é], [e], [ó]
- \kaekilus\, \praetor\, \Claudius\ > [kékilus], [pretor], [clódio]
- \h\ > [-]

- **Simplificações Estruturais**

- declinações
- numerais
- leque de demonstrativos e indefinidos
- negações

- **Expressão analítica das relações sintáticas**

- posições preferidas a terminações causais
- perífrases com auxiliar, para expressão de tempo e modo
- passiva analítica
- superlativos e comparativos analíticos

1.4 Do “Latim Vulgar” às “Línguas Românicas”

A "Fragmentação" do Antigo Império Romano e a "Unidade da România Ocidental"



Teodoro Maurer Jr.

A Unidade da România Ocidental, 1952

"[A] notável semelhança das línguas românicas do Ocidente - desde Portugal até a Itália - não se deve apenas à sua origem comum no latim vulgar do Império Romano, como tantas vezes se parece acreditar, mas é o resultado de uma unidade contínua de contacto ininterrupto entre todas as línguas da família, de modo que muitas inovações posteriores à destruição do Império pela invasão dos bárbaros se disseminaram por toda a România Ocidental, enriquecendo o seu léxico e alterando a cultura e, às vezes, a própria morfologia das línguas que a constituem" [9]

"A unidade da România Ocidental é uma ilustração magnífica da importância dos fatores sociais na formação das línguas" [10]

- A Importância do latim escrito, esp. do latim medieval, na formação das línguas românicas ocidentais
- A Unidade lingüística da România Ocidental
- O Rigor na Reconstrução do Latim Vulgar do Império Romano

**A unidade léxica das Línguas Românicas:
 Exame do Vocabulário "Panromânico"**

... a introdução de palavras latinas na România Ocidental é obra do conjunto e não de línguas isoladas. Só a unidade lingüística perene da România explica esta obra harmônica. [Maurer, 1952:65]

[cf. formas divergentes e formas refeitas]

**Revisitando a Genealogia do Romance
 a partir de Maurer Jr.**

	até anos 400	anos 400 a 1400	depois dos anos 1400
		romance oriental	
latim vulgar			
latim clássico.....		
		latim medieval.....	
	romances ocidentais	línguas românicas ocidentais	

II. ANÁLISE DE DOCUMENTOS



(I) Documentos notariais e de chancelaria.

<http://disciplinas.stoa.usp.br/mod/page/view.php?id=15037>

[1.1] Documentação anterior ao século XIII

[1.2] Documentação primitiva do português: séc. XIII, Notícia de torto.

"Essa titubeante invenção do escrever português":

Exame inicial da Notícia de Torto

Ivo Castro, (2004:22 e ss):

"... embora na chancelaria real portuguesa ainda continuasse durante mais meio século a ser observado o costume de escrever em latim os documentos formais, destinados a assumir carácter oficial e a perdurar no tempo (costume quebrado no caso do testamento de 1214, por razões que os historiadores um dia encontrarão), já era uso, no início do séc. XIII, escrever em português certos textos de carácter efêmero, tais como apontamentos, mensagens pessoais, rascunhos, minutas, que pela sua natureza muito poucas possibilidades tinham de sobreviver, ou de carácter informal, como a notícia, que mesmo quando sobrevive é difícil de situar cronologicamente. Em tais exercícios se adestraram os escribas da casa real para escrever em português. Aqui abre-se uma perspectiva aliciante, que não tenho possibilidade de explorar neste trabalho: a caracterização da "ortografia individual" de cada escriba talvez permita vislumbrar a proveniência do seu aprendizado e determinar se aprenderam a escrever romance em ambientes de influência castelhana ou leonesa. (...)

Um desses textos informais ou efêmeros, contudo, chegou até nós. A Notícia de Torto tem sido considerada pela maioria dos autores uma minuta portuguesa de documento que, em forma limpa e final (mundum), seria escrita em latim. Por acidente histórico não explicado, foi a minuta que sobreviveu e não o produto final, se esse chegou a existir".(...)

"... o escriba era mais um leitor que um profissional da escrita e não tinha, para todos os problemas, soluções gráficas adquiridas e enraizadas, ao contrário dos seus contemporâneos da chancelaria real. Deixava-se guiar pela análise que caso a caso ia fazendo do que ouvia, do que lhe era ditado. Daí grande parte do seu interesse para o linguista, porque a espontaneidade e a hesitação da sua mão deixam entrever factos da língua oral que um escriba habitual e formal teria filtrado e que se tornam, assim, naqueles momentos raros em que vemos ,falar' um documento antigo. O seu recurso às grafias de /d[/, por exemplo, constitui um precioso testemunho de que este fonema ainda existia no português de inícios do séc. XIII"

"Esta caracterização não deveria surpreender: o escriba da Notícia de Torto não trabalhava para o rei de Portugal, nem para um comendador da ordem do Templo, mas para um fidalgo arruinado do Minho, Lourenço Fernandes da Cunha, que não possuía chancelaria, nem escriba decente ou profissional, mas apenas aquilo a que hoje chamamos uma ,mão inábil. Essa titubeante invenção do escrever português, essa escrita não totalmente formada e adquirida, é fascinante em si mesma e, por contraste, põe em destaque quanto a prática dos copistas da corte era adquirida, longa e hábil".